

TRADUÇÃO



## *As Grandes controvérsias e o après-coup*<sup>1</sup>

Rosine Jozef Perelberg

A primeira vez que li as *Grandes controvérsias*, eu ainda estava em formação. Naquele tempo, esses textos não tinham sido publicados, mas tive acesso a eles no *Boletim* da Sociedade Britânica de Psicanálise. Como cresci no Rio de Janeiro, antes de vir à Inglaterra, eu pertencia a uma tradição fortemente relacionada à psicanálise francesa. Ao ler esses textos e discussões, percebi que o conceito de *après-coup* não foi mencionado nenhuma vez. Pensei que poderia ser essencial para esclarecer as diferenças fundamentais entre posições divergentes. Do ponto de vista descritivo, descobri que alguns autores estiveram bem perto de delinear alguns aspectos desse conceito. Parecia também que muitas das ideias sugeridas então eram mais claras do que nunca a respeito de algumas diferenças. Há três anos, escrevi um pequeno artigo sobre o *après-coup* no *Boletim Interno* da Sociedade Britânica de Psicanálise, onde eu fiz as observações acima.

Bateson, citando a fórmula de Korzybski (1941) de que o mapa não é o território, pergunta: “Quais são os elementos do território que se encontram no mapa?” Sua resposta é que “o que aparece no mapa é realmente a diferença, uma diferença de altitude, vegetação, estrutura da população, área etc.”. São, então, as diferenças que aparecem no mapa. Existe um número infinito de diferenças e “desse infinito, iremos selecionar um número muito limitado de diferenças que se tornam informação. Na verdade, o que entendemos por informação – a unidade básica da informação – é uma diferença que cria uma diferença” (Bateson, 1980).

Gostaria de propor, neste artigo, uma distinção entre o que é conhecido de forma descritiva como *après-coup* e o que identificamos como *après-coup* no plano dinâmico, evocando o que Freud estabeleceu entre inconsciente descritivo e inconsciente dinâmico no modelo tópico da mente. *Après-coup* descritivo refere-se à utilização desse conceito na literatura francesa psicanalítica na qual ele possui um sentido de significação retrospectiva no desdobramento do “instante a instante” da sessão. Minha abordagem aqui é a respeito do *après-coup* dinâmico, que me parece estar no cerne da metapsicologia freudiana.

---

1 Agradeço a Jean Luc Donnet o convite para participar no Simpósio de Deauville e por seus comentários sobre este texto. Sou muito grata, também, a Luiz Eduardo Prado de Oliveira que me enviou a versão eletrônica dirigindo sua tradução do texto francês de *Controvérsias*. Agradeço também Françoise Coblence, Marília Aisenstein, Bernard Chervet, Monique Cournut, Danielle Donnet também pelos seus comentários sobre este texto.

As *Grandes controvérsias* concentram-se em quatro textos e estendem-se por uma série de dez reuniões de janeiro de 1943 a julho de 1944 (King e Steiner, 1996). Para essa discussão, vou me focar, mais especificamente, em dois textos que foram discutidos em seis encontros. O primeiro, de Susan Isaacs, “As fantasias inconscientes”, discutido durante cinco reuniões; o segundo, de Susan Isaacs e Paula Heimann, diz respeito à “Regressão”. Pearl King sugeriu que esse último texto foi discutido durante uma reunião apenas, devido ao fato de existir um grande consenso sobre essas questões (1996). Minha impressão é diferente. Penso que o tema da regressão foi abordado na maioria das discussões e que algumas diferenças essenciais já haviam sido estabelecidas, como pretendo mostrar agora.

Ambos os textos, e as discussões deles resultantes, contêm, a meu ver, as questões realmente fundamentais, que são a natureza das fantasias inconscientes e suas relações com a temporalidade e a sexualidade, discutidas na psicanálise não só naquela época mas também em debates no seio da Sociedade Britânica de Psicanálise desde então. Creio que é útil rever essas discussões porque, em muitos aspectos, essas questões foram discutidas de forma clara como nunca na Sociedade Britânica. André Green, em seu prefácio à edição francesa, afirma que “essas *Grandes controvérsias* são o documento mais importante na história da psicanálise” (p. xi). Gostaria de abordar essas questões à luz do conceito de *après-coup*.

Minha apresentação será composta de três partes principais. Na primeira, apresentarei o meu entendimento do conceito de *après-coup* na obra de Freud, mas também das suas relações com os conceitos de fantasias e diferentes concepções de tempo em Freud.

Na segunda, usarei esse conceito para iluminar os assuntos discutidos nas *Grandes controvérsias* e indicar como ele poderia ter ajudado a esclarecer diferenças entre ideias.

Na terceira, finalmente, vou dar exemplos clínicos que mostram como as ideias que acabei de mencionar auxiliaram em minha prática clínica.

Gostaria de sugerir aqui que o conceito de *après-coup* é central para a compreensão das formulações de Freud e opera como uma “iluminação geral” no seu quadro conceitual, como diz Marx em sua introdução à “Crítica de uma economia política”:

Em todas as formas de sociedade, é uma determinada produção e relatórios gerados por ela, que atribui a todas as outras produções e relatórios gerados por eles sua posição e importância. É uma iluminação (*Beleuchtung*) geral, onde todas as cores estão mergulhadas e o que modifica suas tonalidades específicas. É um éter particular que determina o peso específico de todas as formas de existência que surgem nele. (Althusser, 1968, pp. 63-64)

Essa citação indica a presença da estrutura nos seus efeitos, isto é, a noção de causalidade estrutural. Althusser também afirma que o conceito de *Darstellung* – essencial para a teoria marxista do valor – também a contém (Althusser, 1968, p. 298?). No entanto, esse ponto de vista sugere também que, mesmo que a estrutura esteja presente nos seus efeitos, não podemos vê-la, de modo que o conceito indica a eficácia de uma ausência. Eu tendo a pensar assim o *après-coup*: como uma ideia tão central para Freud que ilumina todo o resto.

### 1. Freud e o *après-coup*

Thomä e Cheshire salientaram que Freud usava frequentemente o adjetivo/advérbio *nachträglich* e substantivo *nachträglichkeit* relacionados com a sua concepção de temporalidade e causalidade psíquica. Eles comparam os termos da “Freud Concordance” inglesa (índice baseado na *Standard Edition*) relacionados à “diferido” e o uso que Freud fez desses termos chave em alemão. Não existe um índice oficial para as correspondências e as obras teórico-clínicas de Freud em alemão. O valor de algumas dessas comparações é, em todo caso, limitado, uma vez que não só as *Gesammelte Werke* e a *Standard Edition* abrangem um território textual um pouco diferente mas também os “Protocolos de quarta-feira” foram possivelmente escritos às vezes por outra mão que não a de Freud. Faimberg sugere que a escolha da tradução envolve “uma maneira particular de conceber a temporalidade e causalidade psíquica” (Thomä e Cheshire, 1991) (Faimberg, 2005). Se o nome aparece apenas cinco vezes em alemão, *nachträglich* aparece 188 vezes, enquanto existem apenas 46 referências a *deferred* na *Standard Edition* (Thomä e Cheshire, 1991).

### *Après-coup* e fantasia inconsciente

O conceito de *après-coup* em Freud está intrinsecamente ligado às noções de trauma, memória e fantasia inconsciente, que não podemos entender sem se referir à metapsicologia freudiana.

Vou abordar essas questões pelos seguintes pontos:

1. O conceito freudiano de fantasia inconsciente está intrinsecamente ligado à noção de *après-coup* em relação à sexualidade.
2. Os modelos freudianos da mente envolvem múltiplas dimensões temporais. André Green (2000) fala de “heterogeneidade diacrônica do aparelho psíquico.”

3. O conceito de *après-coup* está enraizado na metapsicologia freudiana.

## Noções de tempo em Freud

Em 1961, em um ensaio, o antropólogo Edmund Leach sugere que o conceito ocidental moderno de tempo abrange duas experiências de natureza completamente diferente, que são as duas noções distintas e contraditórias de repetição e processos irreversíveis. Ele contrasta esses conceitos àqueles existentes em algumas sociedades primitivas, onde o tempo é experimentado como descontínuo, como resultado de uma série de oscilações entre polos opostos. Essas três noções de tempo – repetição, irreversibilidade e oscilação – estão presentes no funcionamento da mente e foram discutidas por Freud em suas teorias sobre aparelho psíquico. Há nele um quarto conceito, igualmente central, de tempo, que é o do *après-coup* (traduzido em inglês como *deferred action*<sup>2</sup>), a partir do qual o presente e futuro dão sentido ao passado.

Freud sugere que o momento (diferente) em que são criados ego e id é desencadeado pelo recalque. Mas quando é que o recalque acontece? É aí que uma terceira noção de tempo deve ser introduzida. Em 1926, Freud disse que a maior parte do recalque que lidamos em nosso trabalho terapêutico são casos de recalque *après-coup*. O que ele quer dizer com isso é que “as experiências, impressões e traços de memória são posteriormente revisados em função de novas experiências, de acesso a um outro nível de desenvolvimento” (Laplanche e Pontalis, 1967, p. 33). A noção de *après-coup* está associada à função de repetição. Freud escreve: “O que há de essencialmente novo em minha teoria é a ideia de que a memória está presente não uma, mas várias vezes e ela é composta de vários tipos de ‘sinais’” (p. 154).

Embora Freud tenha descrito de forma exaustiva sua teoria de *après-coup* em “O homem dos lobos”, oferecendo o que pode ser considerada como uma perspectiva mitológica de suas teorias sobre o tempo, não se consegue apreender a complexidade dos diferentes modelos de temporalidade em Freud a não ser por meio da leitura de muitos dos seus textos, cada um indicando uma nova dimensão que não pode ser compreendida sem levar em conta as outras. Apenas com os textos metapsicológicos de 1915 que a noção de *après-coup* adquire seu pleno significado. Retomarei essa questão em breve.

Indicarei alguns pontos de referência na concepção de tempo em Freud:

1. 1898 – “Sexualidade na etiologia das neuroses”. “Nessas indicações, eu só pude mencionar os principais fatores sobre os quais se fundamenta

---

2 *Deferred action*, literalmente “ação retardada”.

a teoria das psiconeuroses: o *après-coup*, o estado infantil do aparelho sexual e de instrumento da alma ... Como as manifestações das psiconeuroses aparecem a partir de traços psíquicos inconscientes por meio do *après-coup*, elas tornam-se acessíveis à psicoterapia...” (1898/1989, p. 236).

2. 1900 – “A interpretação dos sonhos” que aborda os temas da memória e do estabelecimento de traços de memória, assim como a busca de uma identidade de percepção.
3. 1900 – “A interpretação dos sonhos”. “Um jovem que era um grande admirador da beleza feminina...”
4. 1905 – “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” que oferece o modelo de desenvolvimento da oralidade, da analidade, da fase fálica e da genitalidade.
5. 1915 – “Os instintos e suas vicissitudes” que aborda a importante questão das características das pulsões: “O sistema nervoso é um aparelho que tem como função livrar-se dos estímulos que o alcançam, restaurando-os ao nível mais baixo possível, ou um aparelho que gostaria, se ao menos isso lhe fosse possível, manter-se absolutamente sem estímulo.” (*Obras Completas*, V. 13, Paris, PUF, 1988, p. 166).

Das 46 referências a *deffered* no Índice inglês, 12 entradas (ou seja, mais de um quarto) referem-se a esse único estudo de “Uma neurose infantil” (Thomä e Cheshire, 1991). Em sua análise de “O homem dos lobos”, Freud discute como a neurose é construída em duas escalas de tempo – foi a segunda escala que determinou a constituição da fantasia e a escolha da neurose. Não se trata então de um efeito linear, cumulativo, que teria resultado no sintoma, mas de uma reorganização de traços de memória já existentes ligados a um novo estágio de maturação (1918). Além disso, para Freud, isso passa a ser fundamentalmente ligado ao papel da castração, a lei do pai que interdita a mãe como objeto de desejo. Esse conceito não só exclui o determinismo linear, salientando assim a importância do presente na reinterpretação do passado (uma ideia tão fundamental no trabalho analítico), mas também coloca a sexualidade no centro das formulações teóricas.

[Freud já tinha exposto a teoria da ação *deffered* em “Estudos sobre a histeria” (1895d), onde discute o que ele chamava “a histeria de retenção”. Ele também fornece explicações muito elaboradas desses mecanismos na histeria, na segunda parte do seu “Projeto”, publicado postumamente (1950a), também escrito em 1895. Mas nessas afirmações iniciais da teoria, os efeitos das cenas primárias foram *deffered* pelo menos até a puberdade, e as próprias cenas primárias nunca foram consideradas como ocorrendo em uma idade tão precoce quanto no presente caso.]

1. 1915a – “Recalque”, Freud propõe o conceito de recalque originário. Este é o núcleo do inconsciente, com as fantasias primárias da sedução, da castração e da cena primária, que são constitucionais (transmitidas de forma filogenética, embora essa ideia tenha sido reformulada na psicanálise francesa).
2. 1915b – “O inconsciente”. Freud diz que “temos o nosso conceito de inconsciente a partir da teoria do recalque”. É importante notar que o inconsciente está ligado à noção de descontinuidade da nossa vida mental, que por sua vez está ligada a questões de tempo e de *après-coup*. Nesse texto, podemos encontrar uma reformulação do que Freud escreveu a Fliess em 1897: “As fantasias são relacionadas a coisas que foram ouvidas, mas entendidas, apenas, posteriormente.”
3. 1920 – “Além do princípio do prazer”. O conflito entre as pulsões está agora entre os instintos de vida e morte. Um aspecto central deste último é a compulsão à repetição.
4. 1920 – “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, onde Freud desenvolveu a importante noção de que o passado não pode “prever” o futuro.
5. 1925 [1924] – “Uma nota sobre o bloco mágico”, onde Freud introduz a ideia de que a memória está presente não uma, mas várias vezes.
6. 1926 [1925] – “Inibições, sintomas e ansiedade”. A ansiedade é um sinal que indica uma experiência anterior de perigo – o que Winnicott voltou dizendo que a catástrofe que tememos já aconteceu. O futuro contém uma repetição do passado.

## A inclusão da fantasia inconsciente e o *après-coup* na metapsicologia

As fantasias inconscientes e o *après-coup* estão inscritos na metapsicologia freudiana – o conjunto de textos que pode ser considerado divorciado de uma teoria da prática – mas são a expressão de uma tradição intelectual, uma via que Freud tomou emprestado na sua obra, essencial para a compreensão de suas formulações. Na Grã-Bretanha e América, os textos metapsicológicos são, com raras exceções, considerados como relíquias do passado. Na França, no entanto, esses textos estão vivos e são parte de um debate intelectual. Como observou Jean Claude Rolland, não se pode ler os textos metapsicológicos da mesma maneira que lemos os textos mais clínicos. Eles estão imbuídos de “um sentimento de estranheza” que dá a

impressão de que é o inconsciente de Freud que fala com o do leitor, abrindo portas que esclarecem o enigma do inconsciente. Rolland (2005) mostra como esses escritos deveriam estar estabelecidos antes de Freud passar ao texto, ainda mais estranho, “Além do princípio do prazer” e ao modelo estrutural da mente.

### A fantasia inconsciente

O *après-coup* está relacionado com a interação entre memória e fantasia. Nas formulações de Freud, as fantasias constantemente remodelam, retrospectivamente, as memórias. O recalque estabelece a ruptura entre consciente e inconsciente, de modo que, na metapsicologia freudiana, é retrospectivamente que se pode falar de fantasias inconscientes. A partir dessa perspectiva, a fantasia, como o tempo, é determinada de várias maneiras e não podemos, a meu ver, considerar como “central” uma ou outra camada da obra de Freud – nesse ponto discordo de muitos autores britânicos e americanos, e concordo com os psicanalistas franceses. O que dá profundidade à teoria freudiana da mente é na verdade a fluidez, a dinâmica entre os diferentes conceitos. Basta ler os textos clínicos, como “O homem dos ratos”, “O homem dos lobos”, “O pequeno Hans” ou aquele sobre Leonardo da Vinci para entender que só podemos ter acesso às fantasias inconscientes pelos seus derivados, retrospectivamente, sob o olhar de *après-coup*. No entanto, como disse anteriormente, as fantasias primárias – *Urphantasien* – estão presentes desde o início. Em todas essas fantasias inconscientes Freud parece estar interessado na questão de como a sexualidade acontece para os seres humanos (cf. Laplanche e Pontalis, 1967).

Spillius, em um artigo que resume a sua opinião sobre o contraste entre os conceitos de Freud e Klein sobre fantasia inconsciente, publicado no *International Journal*, observou que Klein “acreditava que era possível deduzir as fantasias das crianças a partir de sua análise...” (2001, p. 364). A ideia de um isomorfismo entre o passado e o presente está aqui implicado. Essa ideia ultrapassa a descontinuidade introduzida pelo complexo de Édipo e a castração, estruturalmente inseridos entre as duas noções de tempo. Do ponto de vista freudiano, o conceito de *après-coup* é necessário no processo de estruturação da mente e da fantasia inconsciente.

O conceito de *après-coup* sempre envolve diferenças fundamentais a respeito da maneira através da qual enxergamos a constituição da mente. Nas formulações de Freud, o aparelho psíquico não está “pronto” no nascimento, mas constitui-se posteriormente, durante a formação dos traços de memória, fundamentado nas experiências de prazer e dor, e com a diferenciação do id, ego e superego. Para Freud, o inconsciente só é acessível por meio de seus derivados, nas suas relações com o sistema Pcs-Cs (Freud, 1915a, 1915b). O recalque, no que diz respeito ao *après-coup*,

estrutura a mente e encontra-se no início da vida de fantasia. Laplanche e Pontalis enfatizam que o conceito de *nachträglichkeit* significa que

não é a experiência em geral que altera o *après-coup*, mas eletivamente o que, no momento em que foi vivido, não pôde integrar-se totalmente em um contexto significativo. O modelo de uma tal vivência é o evento traumático. (1967, p. 34)

O conceito de *après-coup* está ligado a uma teoria da mente que inclui múltiplas temporalidades – movimentos progressivos e regressivos que ocorrem concomitantemente e se determinam reciprocamente –, o desenvolvimento, a regressão, o recalque, a fixação, a compulsão à repetição, o retorno do recalcado, a atemporalidade do inconsciente e o *après-coup* – *como um heptágono em movimento*, penso eu. Essas diferentes dimensões do tempo constituem uma estrutura com uma dominância (Althusser, 1968), e essa dominância reside no *après-coup*.

## *As Grandes controvérsias*

### Parte II

Questões de tempo, vida e morte, de começo, eram discutidas na época das *Grandes controvérsias*. Freud morreu na Inglaterra, longe de seu país natal, como um judeu que fugiu da perseguição nazista, salvo pela generosidade e preocupação de seus amigos. A segunda guerra mundial pairava sobre as discussões e os participantes, às vezes, tinham que se refugiar no porão do Instituto em função das bombas que caíam sobre Londres. Aconteceu até de tomar-se uma decisão que permitia àqueles que tinham uma família partir, como se não fosse claro que a sobrevivência física das pessoas, às vezes, poderia ter precedência sobre a das ideias.

As *Grandes controvérsias* tiveram como pano de fundo Londres durante os bombardeios. Não há realmente nenhuma surpresa que a temporalidade esteve no centro dessas discussões e que nós, ao que parece, tentamos separar o presente do passado e do futuro, quando este era de dimensões trágicas consideráveis. O trauma, a repetição, o desprazer levam-nos a “Além do princípio do prazer”.

Estudos anteriores das *Grandes controvérsias* centraram-se em discussões em torno de divergências sobre a natureza da temporalidade e da fantasia (King e Steiner, 1996; Hayman, 1994). Na minha análise dos debates que aconteceram durante as *Grandes controvérsias*, eu gostaria de considerar, mais particularmente, as principais diferenças nelas expressas a respeito da temporalidade. Ao fazer isso, vou

me concentrar em analisar os conceitos de regressão, de complexo de Édipo e fantasia inconsciente em relação à sexualidade. Embora a noção de *après-coup* (*deferred action*) não seja mencionada nenhuma vez durante as discussões, vou sugerir que ela é útil para destacar as profundas diferenças entre as ideias expressas naquela época sobre considerações psicanalíticas importantes – diferenças essenciais, creio eu, que existem até hoje.

Meu ponto de vista é que um exame mais detalhado dos debates incidiu particularmente sobre a questão da temporalidade e da metapsicologia mostrando que as críticas mais decisivas foram feitas pelo “grupo intermediário” e pelas posições expressas por Glover, Ella Sharpe, Brierley e Sylvia Payne, mas também por Hoffer e Friedlander.

## Os textos das *Grandes controvérsias*

O primeiro texto apresentado por Susan Isaac discute a natureza da fantasia inconsciente e apresenta a ideia de que as fantasias inconscientes são “o conteúdo original dos processos mentais inconscientes e ‘o corolário mental, a representação psíquica do instinto’” (Isaacs, 1948). Essas ideias são consistentes com as das fantasias originárias de Freud, embora as duas formulações sejam diferentes, tanto em termos de conteúdo quanto de estrutura. Para Freud, as fantasias originárias são a castração, a sedução e cena primária. Para Klein, as fantasias inconscientes resultam, particularmente, do instinto de morte. Os primeiros objetos internos têm uma natureza rude e primitiva, derivada da inveja constitucional.

Após a leitura das cinco discussões que se seguem ao texto, percebi que o conceito de regressão tornou-se um conceito-chave em torno do qual as questões relacionadas à temporalidade foram debatidas. Uma noite inteira foi dedicada somente à discussão do texto de Susan Isaacs e Paula Heimann, que fala especificamente de “regressão”. Hayman (1994) parece pensar que isso reflete que todos estão de acordo sobre este conceito. Prefiro pensar que este é um conceito-chave em torno do qual concentraram-se as diferenças essenciais sobre a questão da temporalidade e que o conceito de regressão foi tratado durante todas as noites de as *Grandes controvérsias*.

## A regressão

### O movimento para frente e o para trás

Em seu primeiro comentário, nos primeiros dez debates, centrado na fantasia inconsciente, Jones comparou fantasia e satisfação alucinatória do desejo. Duas ideias centrais são expressas em relação ao seu entendimento de regressão.

Primeiro, ele acha que a regressão fornece o acesso às expressões iniciais (*early*) de fantasias. Aqui, *early* significa “cedo”. André Green observou que “o termo é intraduzível em francês, uma vez que nem ‘precoce’ nem ‘primitivo’ dão conta do que deveríamos a cada vez designar por ‘ocorrendo muito cedo na vida’”. “Melanie Klein argumenta que o que está relacionado com o passado antigo é, necessariamente, o que é mais importante e mais fundamental para a psique.”

Então, de acordo com Jones, há uma continuidade entre as manifestações ulteriores em relação às anteriores – o que se vincula à noção de *continuidade genética*, em grande parte promovida pelo grupo de Klein na época das *Grandes controvérsias*.

Esses dois pontos foram o foco de pelo menos 10 discussões, questionados por muitos participantes como Brierley, Payne, Hoffer e Friedlander. A ideia de que manifestações ulteriores possam reativar outras mais antigas está presente, e, portanto, a noção de um duplo movimento, um para frente e outro para trás. Essa ideia de um movimento bidirecional temporal equivale ao *après-coup*?

Thomä e Cheshire, de fato, apontavam para os dois sentidos que o conceito *nachträglichkeit* implica.

A reativação de predisposições, ou desses padrões e clichés tal como Freud os definiu (1912b, 1918b), pode estimular associações a – e memórias de – situações semelhantes no passado.

Strachey tem traduzido *nachträglichkeit*, geralmente, por *deferred action*. Muitos autores têm considerado essa tradução insatisfatória porque, para Freud, a ideia de efeito retardado do trauma precoce é frequentemente associada àquela de reconstrução retrospectiva da significação psicológica desse trauma.

Thomä e Cheshire acrescentam a seguinte nota:

A diferença essencial entre os verbos *nachtragen* e *to defer* consiste na expressão de relações opostas quanto ao tempo: a primeira expressa a ideia de olhar para trás (*nach* = *depois*, então *depois* do quê?), enquanto a segunda é olhar para a frente (*adiar*... até quando?).

O verbo *nachtragen* possui, entretanto, um sentido figurado significativo, o de “guardar rancor”. (1991, p. 421)

Enquanto a tradução preferida de Strachey favorece os componentes da micro-teoria do movimento para a frente, Lacan concentra-se, ao contrário, sobre os aspectos orientados para trás, adotando o uso de *rétro-action* (retroação) e termos similares em francês (Lacan, 1966, p. 839, 1977, p. 48).

Será que podemos identificar essas ideias – o movimento para trás e o para frente, a polissemia, a ausência da determinação prévia da significação, a reestruturação retrospectiva de representações anteriores – em função de seu vínculo com a sexualidade nos comentários Jones, quando de sua primeira intervenção na controvérsia?

O funcionamento inconsciente permanente do que é mais precoce pode *reforçar* o que é mais tardio, enquanto que, inversamente, um evento emocional de uma idade mais avançada pode, pela regressão, reviver e provocar um reinvestimento de uma atitude mais precoce. (King & Steiner, 1996, p. 302)

Jones enfatiza o duplo movimento, regressivo e progressivo. As fantasias tardias podem reviver as mais precoces por meio do processo de regressão. Por outro lado, as fantasias mais precoces podem reforçar as mais tardias. Nós não sabemos ainda o que ele realmente entende por “reforçar”. Jones segue abordando uma dimensão importante relacionada às direções e precisa algumas questões. Inicialmente enfatiza a importância dos impulsos precoces e sugere que eles são de “maior intensidade” do que os mais tardios; em seguida, deixa a entender que “alguma coisa” atrai a regressão. Finalmente, ele faz a suposição de que o que é encontrado em adultos pode também, retrospectivamente, ser encontrado mais precocemente. O que será anexado ao conceito de continuidade genética – uma ideia que muitos autores, como Isaacs e Jones, colocaram regularmente à frente ao longo das *Grandes controvérsias*. Uma dimensão é completamente omitida nesse comentário: é aquela do novo significado que pode ser dado a eventos de reestruturação precoce à luz de acontecimentos mais tardios e, de maneira essencial, o complexo de Édipo. A noção de que algo está à espera de encontrar sentido no futuro, que esclarece o evento passado – um aspecto crucial do *après-coup* no sentido em que ele foi tratado anteriormente neste texto – está ausente. Isso aparece claramente na afirmação de Jones que continua da seguinte forma:

A presença dessas fantasias em indivíduos mais velhos levou-me, há muito tempo, a concluir sua existência real em crianças pequenas, e essa inferência foi amplamente confirmada, em minha opinião, na análise feita pela Sra. Klein assim como por outros dados de observações sobre os quais a Sra. Isaacs muitas vezes chamou nossa atenção. (King & Steiner, 1996, p. 324)

Em seus comentários, Friedlander destaca uma outra dimensão, sugerindo que pelo mecanismo de regressão, as fantasias tardias assumem aspectos de fantasias infantis, de modo que é a uma mudança retrospectiva de fantasias mais precoces que se tem acesso. Assim, as fantasias orais expressas posteriormente podem não ser resultado da fase oral em si, mas terem adquirido sua oralidade através da regressão. Pode-se sugerir que este é um componente do *après-coup*.

A seguir, Friedlander enfatiza em seus comentários os conceitos de estágios de desenvolvimento, de fixação e interrupção desenvolvimental. No parágrafo seguinte, ela considera, creio eu, o movimento da libido para trás e acrescenta que, no pensamento de Klein, o processo de desenvolvimento é considerado de uma forma mais estática e que o conceito de regressão não tem lugar nessa teoria. Toda a libido permanece fixada sobre essas fantasias precoces ao longo da vida, sem passar pelas fases de desenvolvimento biológico descritas por Freud.

M. Brierley, em seu discurso, cunhou o termo, muito interessante, de *sofisticação retrospectiva*, o que parece aproximar-se do conceito de *après-coup*:

Pessoalmente, penso que uma parte da precocidade atribuída à criança pela Sra. Klein é o simples fato de que um adulto não pode tornar qualquer conteúdo da experiência infantil inteligível para outros adultos, sem que a experiência tenha um grau de falsificação ou sofisticação retrospectiva". (King & Steiner, 1996, p. 430)

Glover acredita que a regressão da satisfação oral alucinatória ativa os traços de memória de experiências reais na extremidade do aparelho sensorial. Parece-lhe, além disso, que muitos dos conceitos freudianos foram excluídos: a progressão biológica de uma série instintual, a formação precoce de imagos de objetos, os pontos de fixação, a regressão, a possibilidade de uma retirada permanente dos investimentos de sistemas de fixação pré-edípicos e, por fim, mas igualmente importante, o alcance teórico e clínico do complexo de Édipo.

Anna Freud, que se interessa mais especificamente pela teoria da regressão em questão, parece não identificar nas primeiras discussões as diferenças significativas implicadas na metapsicologia, pois ela destaca que as diferenças dizem respeito apenas ao primeiro ano de vida. No entanto, ela observa mais tarde que as discussões indicaram diferenças para toda a teoria do inconsciente, e mostra que a teoria kleiniana dá prioridade aos estágios precoces de desenvolvimento e negligencia a importância dos estágios tardios.

Uma tentativa de esclarecer a questão da temporalidade na psicanálise está presente durante a maior parte das discussões. Os debates parecem, às vezes, estar presos na questão de saber se a prioridade é dos eventos precoces ou dos tardios. A

manifestação de um fantasia inconsciente é o produto de um evento precoce (como os kleinianos sublinharam) ou de um evento tardio que reveste aspectos precoces por meio da regressão (como pensam os freudianos e o “grupo intermediário”)? Minha ideia é que o conceito de *après-coup* resolve a dicotomia entre eventos precoces e eventos tardios e a questão de quais são os mais importantes, porque mostra como, na metapsicologia freudiana, os acontecimentos posteriores dão um novo sentido aos acontecimentos passados que emergem, em seguida, com uma nova significação. Para Freud, essa visão está essencialmente relacionada ao complexo de Édipo. Volto agora para o debate sobre este conceito na discussão de ambos os textos.

### O complexo de Édipo

As ideias relacionadas ao complexo de Édipo constituíram um aspecto central das discussões. A diferenciação entre os pontos de vista expressos nos debates não é de uma dicotomia entre as posições dos kleinianos contra as dos freudianos, um grupo se situando no meio. Novamente, algumas questões cruciais relativas ao complexo de Édipo, sua função estrutural e sua temporalidade, foram levantadas por aqueles que, posteriormente, fizeram parte do grupo intermediário, assim como por alguns (Anna) freudianos em desacordo com os pontos de vista dos kleinianos.

Se, por um lado, não abordo nada de novo, por outro, continuo a ser surpreendida pela forma como as diferenças entre, digamos, a concepção kleiniana do complexo de Édipo e a de Freud tendem a ser confundidas, ainda hoje, na Sociedade Britânica de Psicanálise. Como Kohon sugeriu:

O complexo de Édipo não só foi tornado mais precoce (por exemplo, por Melanie Klein e seus seguidores), mas foi também transformado em algo radicalmente diferente: ele deixou de ser modelo da sexualidade e da significação para o sujeito. (1999, p. 8)

No modelo freudiano, uma reorganização ocorre com a situação edipiana que desempenha um papel organizador não apenas das diferenças sexuais, mas também entre as gerações.

Na primeira controvérsia, Sylvia Payne interroga-se a respeito do conceito de fantasia inconsciente tal como Susan Isaacs o apresenta, simultaneamente em termos de conteúdo e de temporalidade das fantasias. “Penso que a fantasia, no sentido usual, não ocorre antes que haja uma experiência psíquica, envolvendo o recebimento de um estímulo e uma resposta psicofísica”.

Ela continua, salientando a importância do complexo de Édipo no pensamento de Freud. Embora Ella Sharpe concorde, por um lado, que não há continuidade entre fantasias precoces e fantasias tardias (marcando a sua adesão à noção de continuidade genética), por outro critica a nova definição de fantasia inconsciente proposta por Isaacs porque não permite uma clara distinção que nos parece importante: aquela entre phantasias infantis e phantasias edipianas clássicas. Ela enumera as diferenças: o complexo de Édipo clássico demanda o desenvolvimento do ego e o reconhecimento da realidade da frustração, o recalque, a utilização de substitutos simbólicos e o superego que é inseparável do complexo de Édipo de Freud, que ela distingue do que ela chama de “id ideal” do estado primitivo.

Isaacs acredita que Sharpe faz uma distinção muito grande entre complexo de Édipo precoce e complexo de Édipo tardio e está mais preocupada em enfatizar a continuidade genética entre eles. Para Payne, a continuidade genética não impede o uso de termos diferentes para descrever os estados precoces e os tardios. “Não se fala de um feto como de um homem”, disse ela.

Barbara Louw também enfatiza a reorganização que ocorre com o complexo de Édipo e a afirmação me parece ser mais clara sobre essa questão ao longo das controvérsias:

Mme. Isaacs interpreta a teoria de Freud sobre a fantasia como algo em transformação, que depende de novas situações psíquicas à medida que aparecem. *Por exemplo, a fantasia da mãe introjetada (boa ou má) certamente deve ser modificada (e talvez completamente alterada) com o estabelecimento do conflito edípico.* (King & Steiner, 1996, p. 361)

Em seu texto e em suas afirmações, Paula Heimann aponta para o “precoce” e o “pré-genital”, que tomam lugar do edípico:

O significado das fobias de animais foi estudado por Melanie Klein em *A psicanálise de crianças* (p. 171 e segs.). Na sua opinião ... “O medo de ser devorado pelo superego, mais primitivo do que o medo da castração, mostraria que a fobia é, na verdade, uma modificação da ansiedade própria aos estados mais precoces do desenvolvimento.” (Klein 1932, 178 e segs.) (pp. 623-624)

Willi Hoffer parece fazer os comentários que melhor esclarecem a questão do complexo de Édipo reorganizar retrospectivamente o aparelho mental. Além disso, ele chama a atenção para as diferentes ênfases que trazem os pontos de vista freudiano e kleiniano. Ele diz que

de acordo com Freud, as neuroses são doenças relacionadas à função sexual; segundo a teoria de Klein, neuroses podem ser caracterizadas como doenças específicas da função destrutiva. (King e Steiner, 1991, p. 723)

Hoffer destaca as principais características do complexo de Édipo freudiano. Aborda inicialmente a chegada à fase fálica, o que implica uma importante distinção entre o pênis como um órgão e o pênis como zona erógena. Em seguida, vem a capacidade de escolher um objeto e, finalmente, o complexo de castração.

Hoffer conclui sua importante declaração com a seguinte observação:

É, portanto, impossível decidir se uma fase pré-genital irá revelar-se patogênica ou não antes da fase fálica demonstrar sua estabilidade ou instabilidade. (King & Steiner, 1996, p. 647)

Afirma que só podemos retrospectivamente decidir se um evento precoce pode ser patogênico ou não. É o evento tardio que transforma o mais precoce e lhe dá sentido. Não é esse o conceito de *après-coup*? O foco direcionado em seguida sobre o papel da sexualidade parece completar o componente essencial nesse conceito.

Para Hoffer, Klein propôs uma nova teoria da neurose:

Um segundo aspecto de divergência, de igual importância, consiste no papel patogênico da pulsão sexual em relação ao papel patogênico da pulsão de destruição. Como demonstrado no texto sobre a “Regressão”, a importância sexual de uma ação não provoca um conflito seguido de um desenvolvimento neurótico; na teoria kleiniana esse desenvolvimento é sempre atribuído à soma de tendências destrutivas às tendências libidinais. De acordo com Freud, as neuroses são doenças relacionadas à função sexual; segundo a teoria de Klein, neuroses podem ser classificadas como doenças específicas da função destrutiva. ... Mas esse ponto de vista tem uma das mais importantes consequências para as considerações teóricas. Para mencionar apenas um problema: deveríamos entender que o incesto é proibido e que os desejos incestuosos são recalçados pelo elemento destrutivo pré-genital que eles contêm, e não devido aos desejos proibidos de possessão da mãe que colocam o menino em conflito com o pai (complexo de Édipo)? (King & Steiner, 1996, p. 648)

Hoffer sublinhou, em seguida, a dominante em cada modelo. Em uma delas, a sexualidade é o tema dominante, na outra, é a ansiedade.

No caso de Emma, Freud já queria enfatizar a centralidade da sexualidade no processo de elaboração da significação. Para ele, é impossível separar a questão da temporalidade da sexualidade infantil, de suas origens e transformações.

## Exemplos clínicos

A seguir irei mostrar como o conceito dinâmico de *après-coup* está inscrito na compreensão de minha prática clínica.

### *Francis*

Francis, uma pequena mulher morena de vinte anos, escultora renomada, procurou-me há alguns anos, quando queria começar uma análise. Ela caminhava com passos leves, como se estivesse flutuando acima do solo, bonita e elegante. Ela já havia feito análise em sua terra natal e sentia que a análise a tinha ajudado. Francis é casada e tem duas filhas.

Em recentes sessões, relatou sonhos de celebridades que enfatizaram tanto sua idealização de mim como sua identificação narcísica comigo.

Ela tinha lido um capítulo de um dos meus livros publicados recentemente e achou meu estilo claro e fácil de entender. Teve a mesma impressão no decorrer das sessões quando eu falava de uma forma que era “orgânica” e que ela achava que parecia ser uma parte de mim, ao contrário do que sentiu com seu analista anterior que ela achava muito “cerebral”.

Na sessão da qual falarei agora, Francis havia mencionado sua admiração por mim, de como eu a intimidava porque escrevia e ensinava. Falou, também, sobre seus encontros com colegas de trabalho que ela admira muito. Disse que sofria por sentir-se estúpida, sem ter nada para dar e depois contou-me sobre seu fim de semana em Salzburgo, onde ela tinha visto estátuas de Mozart, havia tantas estátuas dele como uma celebridade absoluta.

Eu disse: Tornar seus colegas e eu celebridades faz você se sentir desprovida, sem nada.

Houve uma pausa e, em seguida, Francis falou de um quadro que ela tinha visto em uma exposição naquela manhã. Era o retrato de uma mulher e uma menina de oito anos, de um erotismo chocante. A mulher estava inclinada sobre a menina, beijando-a na boca. A menina estava com a cabeça jogada para trás, em posição de abandono total, mas ao mesmo tempo dava a impressão de participar ativamente daquele beijo. Ela estava de batom e com os olhos maquiados. Aquela maquiagem parecia ser a marca do beijo da mulher sobre ela. Era como se ela havia se tornado aquela mulher, ela exclamou. Um quadro completamente erótico.

Ela parou por aí e um silêncio vibrante invadiu a sessão.

Disse, então, que lembrou de seu relacionamento com a mãe. Nunca tinha pensado dessa forma. Lembrou-se da paixão que sentia por sua mãe. No entanto, durante uma discussão com a mesma, ela lhe disse: “Você vai me beijar até a morte”.

(Pensei que havia ali uma passagem da idealização de mim, que a deixava desprovida, a este outro estado de abandono erótico, a repetição em todas as sessões dessa experiência de ser “beijada até a morte”, abandonar-se ao beijo que era sua fantasia do que acontece entre analista e paciente no decorrer da sessão.)

Eu digo: Quando você se entrega a mim nas suas sessões, você não se sente apenas desprovida, mas também “beijada até a morte”.

Embora eu tivesse refletido sobre isso, havia algo de surpreendente no que eu tinha acabado de dizer, permanecemos em silêncio por algum tempo. Houve, no decorrer da sessão, uma corrente que fluía entre diferentes pontos no tempo: do presente da sessão, à imagem do quadro, à memória de uma experiência de uma menina na relação com sua mãe (o beijo), à um momento da adolescência que iluminava retrospectivamente sua experiência de menina – os dois momentos do passado iluminando o presente da sessão, dando-lhe uma significação adicional. Uma possibilidade foi expressa de religar o que se passava na sessão ao passado e de retornar ao presente.

Quatro dimensões do tempo estão presentes:

1. A entrega à analista no presente;
2. A imagem erótica da pintura mostrando uma mulher e uma menina;
3. A memória da paixão que sentia por sua mãe;
4. A memória da discussão com sua mãe quando era adolescente e ela lhe disse: “você vai me beijar até a morte.”

No aqui e agora, tanto o passado como o presente são interpretados e compreendidos *après-coup*, na experiência de um “tempo despedaçado”.

*Patrick*

Algumas indicações do contexto

Patrick tem quase 30 anos, é o segundo de três filhos, e a caçula era uma menina, Bárbara. O pai deixou a mãe quando o paciente era ainda criança e nunca reapareceu até recentemente quando os dois irmãos fizeram contato com ele. Nos últimos dois anos, e desde que começou a sua análise, Patrick viu seu pai pela primeira vez desde a infância. A mãe tinha educado seus filhos, trabalhou em diversos empregos, e especialmente na cantina da escola. A família vivia em um apartamento pequeno, os meninos dividiam um quarto e a menina dormia no quarto da mãe. Meu paciente recorda-se de ser muito próximo de sua mãe.

Bom aluno, teve sucesso na escola e uma educação universitária. Quando me procurou, ele era professor universitário.

### *A análise*

Patrick comentou com um colega que estava ansioso para começar uma análise. Na sala de consulta comigo, eu o senti um pouco relutante e até mesmo com medo de se envolver em uma análise. Ele já havia ido a dois analistas, mas não se sentiu capaz para envolver-se com um ou outro. Durante nosso primeiro encontro ele me contou sobre o doutorado que havia começado e como ele adormecia na biblioteca, não conseguindo tirar proveito de nada dos textos que lia. Este tema foi importante durante os primeiros meses do nosso trabalho, isto é, sua maneira de retirar-se para a passividade ou de dormir quando as coisas ficavam difíceis ou quando ele não conseguia entender alguma coisa. Compreendi, também, dois outros processos em ação nele: sua erotização das relações e seu desejo, ao mesmo tempo que seu medo de adotar uma posição passiva.

Essas duas observações levaram-me à primeira consulta quando perguntei se ele já tinha tido um relacionamento homossexual: ele negou muito rapidamente. Fiquei preocupada de ter feito essa pergunta e ainda mais preocupada quando soube o que tinha acontecido no período entre a consulta e o início da análise. No entanto, precisei de mais dois anos para entender melhor o significado dessa questão.

Patrick me ligou para dizer que tinha decidido começar uma análise comigo. Ele teve que esperar dois meses, e nesse período teve uma experiência homossexual. Por muito tempo fiquei preocupada que ele tivesse interpretado minha pergunta como uma “sugestão”. Precisou de muito tempo na análise para que pudesse me dizer que ele já havia tido outras experiências homossexuais anteriormente.

O momento de que eu quero falar agora ocorreu após dois anos de análise. Patrick começou um relacionamento com uma mulher. Este foi o primeiro relacionamento que ele teve depois de muito tempo e eu sei como esse período é difícil para ele. Esse novo relacionamento começou vários meses antes de passarmos de quatro para cinco sessões semanais. Desde o início de sua análise, ele pediu cinco sessões semanais, mas eu não estava disponível anteriormente.

### *Sexta-feira*

*(Primeira semana de cinco sessões após um mês de interrupção)*

Patrick chega e se deita no sofá. Depois de alguns minutos, ele disse que teve um sonho na noite anterior:

P – Parecia um sonho bom. Era composto de partes diferentes, mas interligadas pelo fato de acontecerem na mesma casa. Partes da casa estavam decoradas com antiguidades. Menciona uma planta que consegue resistir a uma negligência considerável e ainda assim estar bem. Partes da casa são bem decoradas, outras estão ruínas.

Estou em um grupo. Estamos escondidos em baixo e todos estão com sede. Vamos buscar água. Há um leão perto da casa e nos escondemos dele. Eu bebo água, um pouco suja, mas não importa. Ando, em seguida, por outras partes da casa. Sempre estou me escondendo. Passo por um quarto que é de Peril (seu irmão, mas a ligação com o meu nome está presente). Mas há no final desse quarto uma passagem para outra parte da casa. Mas não posso ser encontrado lá, preciso encontrar outro caminho porque não posso atravessar o quarto de Peril. Estou, então, com uma mulher...

Gostei do sonho, da casa, mesmo que eu quisesse evitar a detenção. Me senti seguro, de uma forma esquisita, excitado, eu estava cheio de curiosidade. Tudo ali me agradava, tecidos, móveis, tapetes, toda a atmosfera da casa. Era um pouco degradado e abandonado, mas ainda... Quando eu vinha hoje para cá, eu não sabia ao certo o horário. Eu sabia, acho que tem a ver com a quinta sessão, ao efeito que isso me faz.

(Silêncio)

Vir aqui cinco vezes por semana é um privilégio. Sei, ao mesmo tempo, que não é totalmente assim. A casa é ao mesmo tempo mobiliada e arruinada.

A – Um contraste entre, por um lado, a sua experiência de uma casa mobiliada, as cinco sessões semanais, e, por outro, o seu sentimento de abandono durante a interrupção, a sensação de que você não poderia estar no quarto de Peril (alusão a meu sobrenome. Significa também perigo). Isso faz você pensar que você tem que se esconder do leão em você ou, talvez também em mim...

(Silêncio)

P – Eu acho que o sonho também fala da casa e de ir lá com a Ellen [uma casa que ele comprou na França]. Quero cortinas vermelhas no meu quarto. Como as suas. Ellen também tem cortinas vermelhas em seu quarto. Tem também uma colcha vermelha. Minha mãe tinha cortinas vermelhas que ela mesma fez. Eram ricas, tinham algo de belo. Lindas, pesadas, como as suas. Elas fechavam o mundo lá fora...

Parte do sonho também era como eu. O mundo inteiro estava lá dentro, partes agradáveis, e partes não tão agradáveis. Eu era o leão, ou a mulher que assistia as pessoas no meu mundo, como você faz.

Ontem à noite nós fomos nadar. Nós conversamos, Ellen falou. Nós conversamos sobre você e sobre o terapeuta dela. O terapeuta de Ellen comentou que ela está com alguém que está em psicanálise. O que é o oposto dela. Tenho o livro do Bollas e lhe disse para ler um capítulo onde ele fala sobre as diferentes terapias. Ellen falou de mim com diversas pessoas do trabalho e todos disseram que não tinham certeza de que a psicanálise funcionava. Ela então me perguntou por quanto tempo duraria, e, em seguida, anunciou que não se sentirá ameaçada por você. Além disso, alguém disse a ela que você é muito atraente. Tudo isso foi dito em boas condições, estávamos deitados na cama. Ela me perguntou se eu sabia o que eu quero.

A – Talvez o leão no sonho expresse tudo o que parece ameaçador e perigoso neste momento. A sedução luxuriante das cortinas vermelhas.

P – Sabíamos que o leão não era uma ameaça, mas ainda era um leão. Seus melhores dias já haviam passado. Nós queríamos cuidar dele. Dar-lhe água... Isso me lembra de quando eu observava minha mãe quando ela estava doente... Se você não se colocar no caminho do leão, ele não irá machucá-lo. Isso é exagerado, um leão em uma casa.

(Uma longa pausa)

A seguir, fala, devagar e hesitante:

P – Criança, na cama, é difícil dizer isso. Minha mãe estava em outro quarto com minha irmã e eu dividia o quarto com meu irmão. Naquela primeira noite, quando acordei, Peril estava bem perto, nos esfregávamos um contra o outro. Foi tão confuso. Em seguida fizemos tudo, essa atividade sexual. Isto continuou durante muitos anos. Era muito confuso com minha mãe e minha irmã no quarto ao lado.

A – Talvez você pensasse que elas também faziam.

(Silêncio)

P – Eu acho que você está certa. Talvez eu tenha pensado isso. Talvez todos nós pensávamos isso...

A – As cortinas vermelhas excluindo o mundo, sua mãe e irmã no quarto ao lado, você e seu irmão em seu quarto.

(Silêncio)

A – Isso me lembra de sua experiência sexual com P, pouco antes de iniciar sua análise, pensando sobre esta cena.

(Silêncio)

P – É extraordinário, não é, como as coisas se repetem. No sonho, eu estava invisível, assistia a tudo o que estava acontecendo.

É hora de terminar.

Na sessão seguinte, chega muito animado e diz:

P – Eu estava muito animado ontem de ver as conexões entre essa primeira sessão, o que aconteceu com o Peter, e tudo mais. Hoje de manhã eu escrevi meu sonho: duas mulheres, pescadores... não podem. Nos quartos da casa onde eu cresci, minha mãe e minha irmã, eu e meu irmão... Meu medo de ser completamente esvaziado aqui desde o início, o que nós falamos no outro dia. Agora tudo se repete com a quinta sessão...

Pode-se, nos relatos da sessão acima, distinguir pelo menos, as seguintes dimensões:

1. Um sonho é relatado em uma sessão.
2. A analista começa a interpretar o sonho à luz do aqui e agora, isto é, a ruptura das férias e a mudança para cinco sessões semanais.
3. O paciente aumenta o campo de suas associações para sua mãe, a casa de sua mãe, em seguida, retorna para análise. Disse, então, que sua namorada se sente ameaçada por mim. As cortinas vermelhas exuberantes são uma condensação da mãe, da namorada e de mim. Uma interpretação da analista que aponta essas ligações permite ao paciente continuar as associações com sua mãe.

4. O paciente, então, introduz a relação sexual com seu irmão, uma nova informação na análise. A analista liga isso retrospectivamente ao perigo da sedução das cortinas exuberantes. Os irmãos se envolvem em uma atividade sexual entre eles, pensando na mãe e na irmã no quarto ao lado.
5. A analista, em seguida, liga esta cena – no outro quarto – à experiência homossexual, há dois anos, durante o período em que o paciente estava esperando para começar a sua análise, imaginando o que estava acontecendo/aconteceria nesta sala.
6. O próprio paciente continua com uma interpretação da repetição: o presente e o passado da análise (o aumento de cinco sessões semanais) e a fase da infância.

A cena entre os irmãos é agora entendida retrospectivamente, como uma representação do que o paciente pensava acontecer no “outro quarto” – uma cena primitiva homossexual entre mãe e filha. Isso representou tanto um desejo de participar da cena como um desejo de se afastar. Eu havia apreendido esse conflito desde a primeira consulta, sem a profundidade de significado que o processo analítico agora permitiu acessar – um exemplo que aborda a questão de Le Guen: “como algo que ainda não existe pode causar um evento que o fará existir?” (1982, p. 532)

Aqui podemos identificar quatro dimensões temporais:

1. o presente da análise
2. o passado da análise, após a primeira consulta
3. a mãe (atemporal)
4. a relação homossexual entre os irmãos durante a infância do paciente.

Retrospectivamente, esses eventos são vividos, agora, como trauma e entendidos de outra forma.

Ambos os exemplos incluem uma cena de um trauma infantil retrospectivamente compreendida em termos do que está acontecendo no aqui e agora da situação transferencial. Na verdade, é em relação à transferência e à interpretação transferencial que podemos descrever e construir o *après-coup*.

## Conclusões

Com o decorrer do tempo, o conceito de *après-coup* adquiriu diferentes significados na literatura psicanalítica. Na realidade, foi expandido de forma minuciosa e descritiva e, finalmente, identificado como o processo que consiste em

pensar retrospectivamente os seus próprios pensamentos e o seu próprio trabalho (ver, por exemplo, Pontalis, 1977), ou as dimensões retrospectivas e progressivas do tempo das sessões. Sandler (1983) sugeriu que os conceitos psicanalíticos podem ser elásticos e podem ser esticados. Para ele, esse tipo de elasticidade desempenha um importante papel no desenvolvimento da teoria psicanalítica, mas continua a ser o enigma de como é possível que significações tão díspares sejam amplamente aceitas, como se essa disparidade não existisse.

Em um recente artigo sobre o conceito de *après-coup*, Dana Breen mostra, com relevância, como a interpretação do “aqui e agora” da escola britânica de psicanálise nunca é um “presente puro”. Ela observou que ambos os movimentos temporais, progressivo e regressivo, estão fundamentalmente juntos, “sendo um condição necessária do outro” (Breen, 2003). Ignês Sodré observou muitas semelhanças entre o conceito de *après-coup* e o da “interpretação mutacional” (1997). Penso que essas duas autoras usam o conceito em um sentido descritivo, não no sentido dinâmico proposto aqui.

Concordo com a visão de que o conceito de *après-coup* está além da questão de saber se falamos sobre o passado ou o presente, pois indica claramente que se fala dos dois ao mesmo tempo em um processo recíproco de reinterpretção: o presente permite reinterpretar o passado, como o passado deixa sementes que irão florescer no presente, sem que se trate aqui de predeterminação, como discutido nesta contribuição. No entanto, também observei como o conceito dinâmico de *après-coup* está profundamente enraizado na metapsicologia freudiana.<sup>3</sup> Um dos inconvenientes de tal extensão deste conceito é que alguns aspectos fundamentais da metapsicologia de Freud desapareceram dos textos mencionados acima: as ligações entre trauma, castração, repetição e sexualidade infantil. Vemos, aqui, ecos de algumas questões-chave que foram discutidas durante as *Grandes controvérsias*. Na época, conceitos como complexo de Édipo e fantasias inconscientes, que hoje têm um significado particular na terminologia freudiana, foram desenvolvidos para finalmente dizer algo completamente diferente. Penso que um processo semelhante ocorre agora para o conceito de *après-coup*, que se expandiu a ponto de ter muitos significados diferentes, perdendo alguns dos significados que o conectam à metapsicologia freudiana. Propus neste trabalho o conceito de *après-coup* dinâmico que, a meu ver, está no centro da metapsicologia freudiana.

Minha apresentação tem três partes principais. Na primeira, apresentei meu entendimento de uma concepção dinâmica de *après-coup* em Freud. Sugeri que esta é uma das dimensões essenciais de tempo dentre pelo menos outras sete (a intemporalidade do inconsciente, a compulsão à repetição, o retorno do recalçado,

3 Entre alguns dos autores que, na Grã-Bretanha, usaram o conceito em um sentido dinâmico, como defini aqui, chamo a atenção para G. Kohon (1986, 1999).

a fixação, o desenvolvimento, a estruturação e a regressão) e que tem ainda o papel de um conceito dominante, conforme Althusser propõe à respeito do papel do econômico na obra de Marx. Em outras palavras, ela dá sentido a todo resto.

Utilizei, então, esse conceito para apontar diferenças cruciais nas *Grandes controvérsias* de 1942 na Sociedade Britânica. Ao resumir a complexidade das opiniões expressas ao longo desses debates sobre a questão da temporalidade, surge um apoio geral da ideia de continuidade genética. Algumas diferenças importantes também foram observadas.

Notei que o conceito de *après-coup* pode ter ajudado a resolver a dicotomia entre fantasias precoces e fantasias tardias já que ele indica a maneira como, na metapsicologia freudiana, eventos tardios podem dar um novo significado aos anteriores e, em seguida, emergir com um novo sentido. A descontinuidade fundamental entre duas diferentes temporalidades é o cerne da noção de *après-coup* em Freud – uma descontinuidade que carrega a centralidade da castração e do complexo de Édipo, estruturalmente inserida entre as duas noções de tempo.

Em ambos os exemplos clínicos as cenas de sedução infantil traumáticas estão, retrospectivamente, incluídas em função do que aconteceu em dois momentos da situação transferencial. No primeiro exemplo, uma pintura em uma exposição evoca o passado que é compreendido à luz do presente, que também reinterpreta o passado. No segundo exemplo, uma representação antes do início da análise é incluída, retrospectivamente, no decorrer da análise de um sonho ocorrido após o período de férias e na transição de quatro para cinco sessões semanais. Na verdade, é na relação da transferência e na interpretação da transferência que podemos descrever o *après-coup*. A significação é dada posteriormente. O *acting-out* pode, portanto, se inserir no contexto de antecipação do sentido. Todo o processo se desenvolve no *setting* analítico – que reúne a transferência, o processo, a interpretação, a contratransferência – no qual acontece o *après-coup* (Donnet, 1995, 2005). No entanto, o que define o conceito de *après-coup* é também a primazia da sexualidade, a passivação erótica na transferência, que evoca a cena sexual traumática na infância. No modelo freudiano, assim como na forma como os exemplos clínicos são entendidos, a sexualidade e as fantasias sexuais estão ao centro do processo de reelaboração de sentido.

## Referências

- Althusser, L. (1968). *Lire le capital*. Paris: Maspero.
- Bateson, G. (1980). *Vers une écologie de l'esprit*. (Vol. 2, pp. 208-210). Paris: Seuil.
- Bott-Spillius, E. (2001). Freud and Klein on the Concept of Phantasy. *International Journal of Psychoanalysis*, 82 (Part 2).
- Breen, D. (2003). Time and the *après-coup*. *The International Journal of Psychoanalysis*, 84 (Part 6).
- Donnet, J.-L. (1995). *Le divan bien tempere*. Paris: PUF.
- Donnet, J.-L. (2005). *Le Situation Analysante*. Paris: PUF.
- Faimberg, H. (2005). *Après-Coup*. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86, (Part 1, February).
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1915). O inconsciente. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud* (Vol. 20). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1988). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud* (Vol. 13, p. 166). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1956). Lettre à Fliess 6.12.1896. In S. Freud, *La naissance de la psychanalyse*. (A. Berman, trad.). Paris: PUF.
- Freud, S. 1925 [1924]) Uma nota sobre sobre o bloco mágico. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1915). Recalque. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1989). Sexualidade na etiologia das neuroses. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud* (p. 236). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1898)
- Freud, S. (1920). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Green, A. (2000). *Le temps eclate*. Paris: Minuit.
- Hayman, A. (1994). Some Remarks about the “Controversial Discussions”. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75, 343-358.
- King, P., & Steiner, R. (Eds.) (1996). *Les Controverses Anna Freud Melanie Klein 1941-1945*. Paris: PUF.
- Kohon, G. (Ed.) (1986). *The British School of Psychoanalysis: The Independent Tradition*. London: Free Association Books.
- Kohon, G. (1999). *No Lost Certainties to be Recovered*. London: Karnac.
- Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1977). *Écrits: A Selection*. New York: W.W. Norton.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967). *The Language of Psycho-Analysis*. London: Hogarth.
- Le Guen C (1982). L'après coup. *Rev. Franç. Psychanal* 3: 527-34.
- Leach, E. R. (1961). Two Essays Concerning the Symbolic Representation of Time. In E. R. Leach, *Rethinking Anthropology*. London: The Athlone.
- Perelberg, R. J. (2008) *The controversial Discussions and Après coup in Time, Space and Phantasy* London: Routledge and the new Library of Psychoanalysis
- Perelberg, R. J. (2009). *Après-coup dynamique : implications pour une théorie de la clinique* *Rev. Franç. Psychanal.*, LXXIII, p.1585

- Perron, R. (2001). The Unconscious and Primal Phantasies. *International Journal of Psychoanalysis*, 82 (Part 3).
- Rolland, J.-C. (2005). Metapsychology. In R. J. Perelberg (Ed.) *Freud: A Modern Reader*. London & Philadelphia: Whurr.
- Sodre, I. (1997). Insight et après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 61, 1255-62.
- Thomä, H., & Cheshire, N. (1991). Freud's concept of nachträglichkeit and Strachey's "deferred action": Trauma, constructions and the direction of causality. *International Review of Psychoanalysis*, 3, 401-45.

Tradução de Mireille Bellelis Rossi<sup>4</sup>

Revisão técnica de Cristian Holovko<sup>5</sup>

Rosine Jozef Perelberg  
35 Hodford Road  
London NW11 8NL  
UK

© Cedido pela autora para publicação na ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos

---

4 Publicitária e produtora da revista *Alter*.

5 Psicólogo clínico, formado em Psicologia pela PUC-SP, Master pela Paris VII Denis-Diderot.